



PROGRAMA DE MONITORIA “HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS”
Prof. Dr. Rodrigo Medina Zagni

Monitora:
Amanda Pires Correia

**NORMAS PARA A ELABORAÇÃO DE
RELATÓRIOS DE ANÁLISE FÍLMICA**

O que é?

O exercício aqui proposto e que chamamos de “relatório de análise fílmica”, não deve ser confundido com aquilo que se convencionou, em termos acadêmicos, chamar de “resenha” ou mesmo um simples resumo.

Trata-se de uma atividade cujo objetivo é o de cobrar dos alunos a demonstração de que assistiram, compreenderam e que são capazes de refletir criticamente, problematizar e, sobretudo, identificar no filme representações dos processos históricos que estão sendo estudados em aula.

Para isso, não é necessário um longo e demorado desenvolvimento textual, algo em torno de 2 a 3 páginas bastam, desde que cumprindo o repertório que adiante sistematizaremos.

Mas, antes de sistematizarmos as etapas para a elaboração das análises, é importante apresentarmos, em linhas gerais, os termos que constituem a análise de filmes voltada à pesquisa histórica.

No que consiste a análise de filmes em pesquisa histórica?

A análise fílmica é a decomposição do filme por meio do reconhecimento de seus elementos e da associação entre eles. Mas quais seriam estes elementos? Estamos tratando, aqui, de gênero (drama, documentário, animação etc.), roteiro (que comumente inclui linguagem verbal e não verbal), dramatizações, fotografia, iluminação e indumentária.

Importa dizer também que a análise fílmica **não equivale ao que concebemos como “crítica”** do filme (a chamada “crítica de cinema”). A crítica atribui juízo de valor ao filme, entretanto não considera os elementos e particularidades de cada produção cinematográfica, sendo assim apresenta opiniões de foro pessoal e simplistas que acabam aplicadas a diferentes títulos.

Exemplo:

- 1) “... o estreador X sabe trabalhar bem as atmosferas...”;
- 2) “... é um filme sincero e honesto...”.
- 3) “... gostei do filme!”.

Um procedimento adequado à análise fílmica é o de conceber a totalidade de seus elementos como uma espécie de texto. Não que texto e filme sejam equivalentes (como se o filme fosse um mero texto escrito), mas se considerarmos o “texto” como um suporte que comunica uma mensagem a alguém, podemos fazer o mesmo com o filme, ou seja, compreendê-lo como um instrumento comunicacional portador, na sua totalidade, de sentidos e significados, ou seja, de mensagens. Identificar esta mensagem é o que significa considerá-lo como um texto.

Conceber o filme como um texto, implica em dividi-lo em segmentos (unidades dramáticas e sintagmas). Tal análise é aplicada por meio da “Grande Sintagmática” de Christian Metz, a qual



não se prende aos elementos visuais do filme como a iluminação, por exemplo, logo pode ser aplicada em filmes narrativos por meio da identificação de seus códigos, os quais, segundo Metz, são:

- Perceptivos – reconhecimento dos objetos apresentados na tela.
- Culturais – interpretação das imagens por meio do reconhecimento de elementos culturais, por exemplo, alguém de vestido preto em sinal de luto.
- Códigos específicos – interpretação a partir do reconhecimento dos recursos cinematográficos, por exemplo, a montagem alternada como indicação de que duas ações estão sendo desenvolvidas ao mesmo tempo, ainda que em espaços diferentes.

É imprescindível que o aluno, para análise de filmes, tenha a clareza de que o filme não consiste em cópia ou retrato fiel da realidade; mas sim que possui **elementos representativos** dela, como diálogos, personagens, ambientes etc. e que podem referir-se tanto ao contexto atual quanto ao passado. Ainda que o filme apresente uma temporalidade futura (caso das obras de ficção científica, por exemplo), o futuro criado no plano da ficção ou mesmo em filmes de fantasia, diz respeito ao tempo presente de sua elaboração, dialogando de diversas formas com suas demandas e contradições.

Assim sendo, o filme constitui riquíssima base informativa para a pesquisa histórica.

Nesse sentido, de acordo com o historiador Marc Ferro, o filme revela aspectos da realidade política e social, o que ele caracteriza como uma “contra-história” e uma “contra-sociedade”. Considerando que o filme não é apenas produto da sociedade em que foi criado, mas que age na história sendo capaz de difundir visões de mundo e ideologias, pode ser utilizado como instrumento de doutrinação, glorificação e até mesmo conscientização; logo, o filme não é somente um conjunto de imagens que detém coerência como mensagem visual, é sobretudo ideologia, e que se prende com isso ao próprio imaginário humano.

Ferro prioriza a análise do conteúdo da narrativa fílmica, a parte não-visível (os significados, sentidos, morais, sentimentos e a própria percepção das representações sociais) que vai além da imagem em seus aspectos visuais. Por fim, o historiador tem como objetivo estabelecer as relações entre as estruturas cinematográficas (elementos representativos) do filme e as não-cinematográficas (produção, circulação, público, crítica, regime político etc.).

Outro aspecto relevante na análise fílmica é a **identificação e análise de personagens**, tendo-se em mente que se tratam de somatórias de **estereótipos**, os quais evidenciam os elementos representativos já identificados como, por exemplo, uma ideia, uma classe social, uma instituição política ou social etc. Sendo assim, é necessário dar atenção às ações, falas, expressões, figurino e quaisquer elementos de caracterização e dramatização dos personagens.

Quando o filme a ser analisado é obra de cinema documental, segundo Marc Ferro, a análise do **filme documentário** é feita a partir da análise crítica dos documentos (fontes) utilizados para a construção de seus argumentos e, em seguida, por meio da crítica de como as fontes foram inseridas como elementos explicativos dos argumentos inscritos no filme.

Dado que um documentário é composto por documentos fílmicos, como entrevistas, por exemplo, e que podem ter sido extraídos de outros filmes e outras sequências, bem como de elementos não-cinematográficos (já exemplificados anteriormente), Ferro procede a análise das imagens da seguinte maneira:

- Autenticidade – verificação de eventuais manipulações das imagens.



- Identificação – origem do documento, data, identificação dos personagens e locais e interpretação de seus conteúdos.
- Crítica analítica – emissão, produção e recepção.
- Análise da realização do filme – seleção de entrevistas, montagem, questões abordadas e sonorização.

Como fazer a análise?

Expostos todos estes elementos, é tempo de indicarmos como, efetivamente, a análise deve ser feita.

Primeiramente é preciso decompor o filme em partes a partir de critérios claramente estabelecidos, ou seja, selecionar cenas ou sequências de cenas que se encaixem na abordagem histórica definida, seguindo para a análise dos elementos representativos presentes na cena, são esses: personagens, cenário, diálogo, ações, figurino etc., bem como as relações identificadas entre eles.

Também é importante definir uma cena principal, na qual deverão estar presentes os elementos representativos mais relevantes para a discussão que o analista pretende aprofundar. Sendo a cena considerada principal, esta necessita de uma maior atenção na sua decomposição, que deve ser feita quadro a quadro.

Dentre tudo o que fora aqui exposto, o que mais importa na análise é a persecução do seguinte problema: **como o filme representa aspectos do processo histórico estudado na disciplina?**

Etapas:

- 1) Ler o texto de leitura obrigatória da aula que se refere o filme.
- 2) Assista integralmente o filme (mais de uma vez, se necessário). Sugerimos, nesta fase, proceder anotações de trechos que sintetizam ideias, conceitos e outros elementos que facilitem a elaboração posterior de uma síntese. É conveniente também anotar passagens que tenham, por motivos diversos, chamado a atenção durante a exibição e que possam ser objetos de crítica, problematização ou mesmo para a sua utilização no esforço de compreender situações concretas.
- 3) Escolha de uma cena ou sequência principal a ser mais minuciosamente analisada, explicitando-se que critérios estabeleceu para sua escolha. A análise deverá ser precedida de uma suficiente descrição da cena/sequência.
- 4) Elaboração de um texto de autoria própria resumindo os conteúdos assistidos e anotados, buscando apresentar as ideias principais ali trabalhadas e pontos que considerar mais relevantes. São inescapáveis as questões: do que trata o filme? Como os temas abordados no filme são tratados? Etc.
- 5) A partir de sequências que tenham despertado maior interesse, proceder a análise das representações presentes no filme, em específico, na cena ou sequência escolhida. A análise não significa expor quaisquer tipos de “achismos” ou a mera “opinião pessoal”.



Estrutura formal

O relatório deve conter obrigatoriamente os seguintes elementos quanto a sua estrutura:

- **Dados do filme analisado:** em negrito e justificado, conforme o seguinte exemplo: **“Danton: o processo da revolução”**; dir.: **Andrzej Wajda, França / Polônia, drama, col., 1983.**
- **Dados do trabalho:** logo abaixo dos dados do texto analisado, com espaço de uma linha, informações acerca da natureza deste trabalho, ou seja: “Trabalho de conclusão da disciplina de História das Relações Internacionais II – História Contemporânea, do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo, elaborado durante o segundo semestre de 2017 sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Medina Zagni.
- **Nome completo do aluno:** com nota de rodapé explicativa onde se deve informar sua vinculação acadêmica com a universidade, por exemplo: “Aluno do segundo termo do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo”, bem como outras eventuais titulações.
- **O desenvolvimento do relatório:** cumprindo as etapas anteriormente definidas e sem divisão do texto em subtemas.

O relatório deve ser padronizado de acordo com as seguintes apresentações gráficas:

- Folha A4.
- Texto de alinhamento justificado.
- Fonte Times New Roman, tamanho 12 (usar tamanho 10 para: legenda de figuras e/ou tabelas e gráficos, **notas de rodapé** e citações diretas com mais de 3 linhas).
- Espaço entrelinhas de 1,5. O espaço simples deve ser usado em: citações diretas de mais de três linhas, notas de rodapé.
- Recuo de 1,25cm na 1ª linha de cada parágrafo
EXCETO: Citações diretas com mais de 3 linhas, que devem ter recuo de 4 cm à esquerda.
- Paginação: a numeração é colocada a partir da 1ª página da parte textual, posicionada no canto direito da folha a 2 cm da borda inferior, alinhado à margem direita.
- No mínimo 2 páginas de relatório.

Além disso, ao longo do texto, o aluno pode e deve fazer uso das Notas de Rodapé para informar referências bibliográficas de citações diretas (quando um trecho de texto de outro autor é copiado integralmente) ou indiretas (quando ideias de outro autor são reproduzidas sem que o texto originário seja copiado).

As notas de rodapé poderão conter referências bibliográficas de citações diretas ou indiretas, mas também poderão ser explicativas, caso em que uma informação adicional ao texto principal deva ser inserida.

As notas de rodapé deverão ser numeradas com números sequenciais em caracteres arábicos (1, 2, 3, 4 etc.). No editor de textos “Word for Windows”, a nota de rodapé é inserida por meio da aba “referências”, em seguida “Notas de Rodapé”, em seguida, “Inserir”.

Notas bibliográficas deverão seguir os seguintes padrões:

Para citação de trecho de um livro:

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 7.



Para citação de capítulo de livro escrito em obra na qual figuram diversos autores havendo um ou mais organizadores:

FREYMOND, Jacques; “Teoria e História”; in: DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*: teoria das Relações Internacionais. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 435-442.

Para citação de artigo em revista acadêmica:

ZAGNI, Rodrigo Medina; “A Era Joanina em Portugal: Paradigmas e contradições do absolutismo de Dom João V, da Guerra de Sucessão em Espanha ao Tratado de Madri”; *Jus Humanum* – Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da Univ. Cruzeiro do Sul. São Paulo, Vol. 1, nº 1, Jul./Nov. 2011.

Há também indicações de como elaborar referências para citações de filmes, músicas etc.; para tais, recomenda-se o uso do manual de SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

Quando uma nota de rodapé é idêntica a nota imediatamente anterior (podendo diferir o número da página, por exemplo), usa-se a forma:
Ibid. p. 93.

Quando uma nota de rodapé é idêntica a outra nota referida anteriormente (não à nota imediatamente anterior, podendo diferir o número da página), usa-se a forma:
CHESNAIS, François. *Op. Cit.* p. 56.

Citações diretas, se tiverem menos de 3 linhas, devem ser destacadas apenas pelo uso das aspas “ ”; com mais de 3 linhas, destacam-se pelos seguintes aspectos:

- Fonte 10.
- Espaçamento simples.
- Recuo de 4 centímetros à esquerda.
- Pulando-se uma linha antes e depois do final da citação.

Em citações diretas, quando se inicia um texto suprimindo-se parte da argumentação do autor, usam-se três pontos antes da citação. Ex.: ...

Já quando se suprime parte da argumentação no final da citação, os três pontos deverão encerrar a citação.

Quando se suprime argumentação ao longo do texto, e apenas neste caso, os três pontos deverão aparecer entre parênteses. Ex.: (...)

Exemplo:

... o imperialismo surgiu como o desenvolvimento e a continuação direta das características fundamentais do capitalismo. (...) O capitalismo se converteu em imperialismo somente ao alcançar um grau muito alto e definido de seu desenvolvimento, quando algumas de suas características fundamentais começaram a converter-se em seus contrários ...

Boa atividade de análise fílmica!